



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE ARQUIVOLOGIA

CÁTIA REGINA DE AGUIAR SOARES

**A ORGANIZAÇÃO DOS ARQUIVOS PESSOAIS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE
LETRAS: O ARQUIVO DE AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE**

RIO DE JANEIRO
2017

CÁTIA REGINA DE AGUIAR SOARES

**A ORGANIZAÇÃO DE ARQUIVOS PESSOAIS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE
LETRAS: O ARQUIVO DE AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE.**

Monografia apresentada à Escola de Arquivologia da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Arquivologia.

Orientador: Prof.^a M.^a Patrícia Ladeira Penna Macêdo

RIO DE JANEIRO
2017

Soares, Cátia Regina de Aguiar.

A organização dos arquivos pessoais na Academia Brasileira de Letras: o Arquivo de Austregésilo de Athayde.

Cátia Regina de Aguiar Soares. Rio de Janeiro. 2017. 64 f.

Orientadora: Prof. Ma. Patrícia Ladeira Penna Macêdo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Graduação de Arquivologia, 2017.

1. Arquivos pessoais. 2. Academia Brasileira de Letras. 3. Austregésilo de Athayde. I. Macêdo, Patrícia Ladeira Penna. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CÁTIA REGINA DE AGUIAR SOARES

**A ORGANIZAÇÃO DOS ARQUIVOS PESSOAIS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE
LETRAS: O ARQUIVO DE AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquivologia.

Data de aprovação ____/____/____.

Banca Examinadora:

Prof.^a M.^a Patrícia Ladeira Penna Macêdo (orientadora)

Prof. Dr. Eliezer Pires da Silva (2º examinador)

Prof.^a Dr.^a Rosale de Mattos Souza (3ª examinadora)

Para Milton e Anísia (*in memoriam*) não estão comigo
fisicamente, mas sempre estarão em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão especial da minha vida só tenho a agradecer. Em primeiro lugar a Deus, pai todo poderoso, por me sustentar cada vez que eu pensei em desistir.

A minha família maravilhosa pelo apoio e principalmente as minhas filhas Paolla, Juliana e Isabela por ter paciência em me aturar nesses últimos anos, sei o quanto foi difícil.

Aos amigos que conquistei e que tornaram minha vida acadêmica mais leve.

Aos mestres pelo ensino e dedicação, especialmente minha orientadora, Patrícia Penna, que aceitou guiar-me nessa tarefa tão difícil: a intimidade dos arquivos pessoais.

A equipe do Arquivo da Academia Brasileira de Letras que muito me apoiaram e incentivaram, obrigada Sr. Paulino, Maria, Ana Renata, Juliana e Cíntia, tenho certeza que sem vocês nada disso estaria acontecendo.

O caminho não foi fácil, mas com vocês ao meu lado eu consegui! A todos vocês eu dedico meu diploma e minha eterna gratidão.

“Ninguém cruza nosso caminho por acaso e nós não entramos na vida de ninguém sem nenhuma razão”

Chico Xavier.

RESUMO

Esta monografia apresenta um estudo sobre o trabalho de organização de documentos pessoais, buscando subsídios formulados pela teoria arquivística para possibilitar o melhor entendimento dessas atividades. O trabalho possibilita uma análise sobre a metodologia aplicada pela equipe de arquivistas da Academia Brasileira de Letras (ABL) para a organização dos documentos pessoais doados pela família do Acadêmico Austregésilo de Athayde após seu falecimento. Na instituição, já existia uma coleção de documentos do mesmo produtor e nesse sentido buscou-se entender se os princípios basilares da Arquivologia foram norteadores para o trabalho desses profissionais.

Palavras-chave: Arquivos pessoais; Academia Brasileira de Letras; Austregésilo de Athayde; Arquivologia.

ABSTRACT

This monograph presents a study on the work of organizing personal papers, searching out the subsidies formulated by archival theory to enable a better understanding of these activities. This work allows an analysis of the methodology applied by the archivists of the Brazilian Academy of Letters (ABL) for the organization of the papers given by the family of the Academic Austregésilo de Athayde after his death. In the institution, there was already a collection of papers of the same producer and in that sense it was tried to understand if the basic principles of the Archives were guiding for the work of these professionals.

Key-words: Personal papers; Brazilian Academy of Letters; Austregésilo de Athayde; Archives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- | | |
|--|----|
| Figura 1: Acadêmico Austregésilo de Athayde com fardão da ABL | 29 |
| Figura 2: Fotografias dos documentos pessoais doados pela família de Athayde | 34 |

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Coleção Austregésilo de Athayde	30
Tabela 2: Fundo Austregésilo de Athayde	33

LISTA DE ANEXOS

Anexo I: ENTREVISTA COM MARIA OLIVEIRA	49
Anexo II: ENTREVISTA COM LAURA SANDRONI	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS	14
2.1 Uma breve história	14
2.2 O Arquivo Múcio Leão	18
2.3 A revitalização do Arquivo Múcio Leão	21
3 AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE: UM VISIONÁRIO DA ABL	24
3.1 Uma vida documentada	24
3.2 O “Arquivo Austregésilo de Athayde”	29
3.2.1 A “Coleção Austregésilo de Athayde”	30
3.2.2 O “Fundo Austregésilo de Athayde”	32
4 OS PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS FRENTE AOS ARQUIVOS PESSOAIS: DESAFIOS DE APLICAÇÃO	36
4.1 Arquivos pessoais e suas particularidades	36
4.2 Contexto e organização: discussões necessárias	37
4.3 Princípios e bases para a organização de arquivos pessoais: o Arquivo Austregésilo de Athayde	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	49

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação envolve uma fundamentação conceitual visando compreender como conceitos apresentados na literatura da Arquivologia são utilizados no desenvolvimento e processamento técnico de acervos arquivísticos, pessoais e institucionais, em um ambiente de custódia e acesso a usuários. O objeto desta pesquisa é o arquivo do Acadêmico Austregésilo de Athayde que está sob a guarda da Academia Brasileira de Letras (ABL).

O tema dos arquivos pessoais tem sido cada vez mais incluído na agenda de pesquisa da Arquivologia e este trabalho quer contribuir nessa direção, nosso objetivo visa realizar um estudo sobre os princípios e conceitos arquivísticos para a compreensão da organização desses documentos.

Inicialmente esperávamos fazer uma pesquisa empírica, mas chegamos à conclusão de que esse exercício demandaria um tempo que este acervo não dispõe, porque parte dele ainda se encontra em fase de higienização no Núcleo de Conservação e Restauração da ABL.

Os documentos pessoais de Austregésilo de Athayde foram doados por sua família em novembro de 2016. No Arquivo da ABL já existia um conjunto de documentos que foram produzidos e acumulados por ele e pela instituição, estão arquivados como *coleção Austregésilo de Athayde*. Com a doação de seus familiares surgiu a questão norteadora desta pesquisa: Como será feita a organização do Arquivo Austregésilo de Athayde, agora com a doação dos documentos pessoais? Existem documentos pessoais na coleção? Se forem encontrados documentos pessoais na coleção ou se forem encontrados documentos institucionais no fundo pessoal, qual será o procedimento adotado pela equipe de arquivistas? Separar os documentos ou mantê-los na ordem em que foram guardados?

O estudo visa fortalecer a compreensão de que o trabalho de organização de documentos arquivísticos é um processamento científico com base conceitual e conta com instrumentos normativos e procedimentos técnicos padronizados utilizados tanto para organizar os documentos institucionais quanto documentos pessoais.

Sabemos que os arquivos pessoais são um desafio para o fazer arquivístico e, nesse sentido, nossa pesquisa está embasada em pesquisa bibliográfica de autores da área, visando entender como a teoria arquivística pode dar apoio para o tratamento e a organização dos mesmos nesta instituição.

Também utilizamos como metodologia duas entrevistas: com, Maria Oliveira, atualmente chefe do Arquivo da ABL para a compreensão o trabalho da equipe de arquivistas

e, com, Laura Sandroni, filha e autora de dois livros sobre o titular, buscando coletar informações que possam auxiliar a compreensão da guarda e doação desses documentos.

Para auxiliar a compreensão da produção dos documentos e do trabalho técnico e intelectual feito pelos arquivistas da ABL, desenvolvemos três capítulos buscando corroborar com o reconhecimento dos documentos institucionais e pessoais para a preservação da memória e história dessa instituição e seus membros.

No primeiro capítulo é apresentada a história da ABL e sua trajetória marcada por diversas mudanças até sua solidificação no prédio intitulado *Petit Trianon*, vale ressaltar que no Arquivo da ABL, denominado Arquivo Múcio Leão, estão as fotografias e documentos que comprovam toda sua história, disponibilizados também para pesquisa.

No capítulo II será apresentado o Arquivo Múcio Leão, setor onde estão arquivados os documentos que são foco de nossa pesquisa, o *Arquivo Austregésilo de Athayde*, que é dividido em dois conjuntos documentais: a *coleção Austregésilo de Athayde*, formada pelos documentos acumulados pela ABL e por Athayde durante sua presidência por mais de 35 anos; e o *fundo Austregésilo de Athayde*, formado pelos documentos pessoais desse titular doados pelos familiares dele à ABL em 2016.

Por fim, no último capítulo será apresentada uma pesquisa bibliográfica para entender como autores da área defendem os arquivos pessoais e como esse estudo pode fortalecer nossa pesquisa ao compreender como se dá o trabalho dos arquivistas da ABL quando recebem um arquivo pessoal de um membro desta instituição.

2 ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

A Academia Brasileira de Letras (ABL) é uma instituição privada, sem fins lucrativos, criada no final do século XIX e que tem como principal característica a cultura da língua e da literatura brasileira. Além disso, ela é responsável pela guarda e preservação de seus documentos e os disponibiliza, através do setor do Arquivo Múcio Leão, dando acesso para pesquisadores de diversas áreas e afins.

Para entendermos como a ABL foi criada e seu funcionamento, será preciso visitarmos a sua história e a criação do setor do Arquivo Múcio Leão, que inicialmente fazia parte da Biblioteca Acadêmica da instituição. Este setor só ganhou notoriedade com o avançar do tempo e do trabalho desenvolvido pelos funcionários do setor, objeto de nossa investigação.

É importante ressaltar que no Arquivo da ABL estão disponibilizados somente documentos referentes à instituição e seus membros, portanto, ela não recebe doações de autores que não tenham sido acadêmicos.

2.1 Uma breve história

O Brasil do século XIX estava sobre a influência da cultura francesa na educação, arquitetura, música, moda e também na literatura. Neste contexto, um grupo de amigos literatos sonhavam seguir os parâmetros da Academia Francesa, famosa por sua longevidade e idealizavam criar uma Academia Brasileira de Letras (ABL).

A primeira reunião preparatória aconteceu em 15 de dezembro de 1896 e outras foram realizadas com este objetivo até o fim de janeiro de 1897, quando foi finalizado e aprovado o estatuto e regimento interno da ABL. De acordo com seu Estatuto: “Art. 1º - A Academia Brasileira de Letras, com sede no Rio de Janeiro, tem por fim a cultura da língua e da literatura nacional, e funcionará de acordo com as normas estabelecidas em seu Regimento Interno” (ABL, 2004, p.5).

Na sessão inaugural, em 20 de julho de 1897, Machado de Assis, em seu discurso de posse como primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, afirmou que...

A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso[...]. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles o transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas de nossa vida brasileira. (ABL, 1997, p.117).¹

¹ Discurso de posse de Machado de Assis na Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/discurso-de-posse>>. Acesso em 22 ago. 2017.

A ABL seguia ao molde francês, fato este constatado em seus outros documentos inaugurais. Como primeira determinação em seu estatuto, estava registrado a necessidade de que para ser membro efetivo da ABL, os brasileiros deveriam ter publicado obras de reconhecido mérito em qualquer um dos gêneros da literatura ou, fora desses gêneros, livro de valor literário, o mesmo era exigido para os membros correspondentes. Ainda de acordo com seu Estatuto (2004), em seu...

Artigo 1º - § 1º - A Academia compõe-se de 40 membros efetivos e perpétuos, dos quais 25, pelo menos, residentes no Rio de Janeiro, e de 20 membros correspondentes estrangeiros, constituindo-se desde já com os membros que assinarem os presentes Estatutos. (ABL, 2004, p. 5).

Nesse sentido, os membros fundadores deveriam ser quarenta, porém diferente da tradição francesa onde os patronos seriam os primeiros ocupantes, no Brasil, cada um dos membros elegeu um escritor, já falecido, para ser o patrono de sua cadeira. Essa homenagem pode ser vista como um propósito de perpetuação e valorização da memória e reconhecimento a esses importantes escritores. Para explicar como se deu a ordenação dos números das cadeiras Rodrigo Lacerda (2007) explica:

Cada uma das quarenta cadeiras da sala de reunião seria numerada, pela ordem alfabética do nome do patrono. Isso explica que Alcino Guanabara, jornalista de renome e polemista, a um só tempo escravocrata e republicano, ocupasse a cadeira 19, pois seu patrono, um diplomata, historiador, médico e publicista, falecido em 1873, era Joaquim Caetano da Silva. (LACERDA, 2007, p. 30).

Vale ressaltar que até o ano de 1904 a ABL não possuía uma sede fixa, por isso suas primeiras reuniões aconteceram na *Revista Brasileira*², acontecendo posteriormente em outros prédios dentre eles: o *Pedagogium* onde reuniram-se para a sessão inaugural no dia 20 de julho de 1897; o *Ginásio Nacional*, atual Colégio Pedro II; a *Biblioteca Fluminense*; o *Ministério do Interior e Justiça* e o escritório de Rodrigo Octávio, na rua da Quitanda. Nesse período as sessões solenes eram realizadas no *Gabinete Português de Leitura* ou no *Salão Nobre do Ministério*. Só em 1904, a Academia conseguiu sua estabilidade no *Silogeu Brasileiro*:

No prédio do Silogeu, a Academia Brasileira, enfim abrigada e alfaiada, ainda não era bem o sonho perfeito de Machado de Assis. Em carta a Joaquim Nabuco, depois de dar-lhe a notícia da sede própria, o mestre acrescera este reparo, que esclarecia o seu ideal: “Seguramente era melhor dispor a Academia Brasileira de um só prédio, mas não é possível agora, e mais vale aceitar com prazer o que se oferece e parece bom. Outra geração fará melhor. (ABL, 1997, p. 42).

² A *Revista Brasileira* foi dirigida por José Veríssimo de jan. 1885 a set.1899. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

A ABL também não possuía recursos para garantir sua manutenção financeira, a casa já nascera sem providências e mesmo em suas primeiras reuniões era evidente que seriam necessários recursos para perdurar. Para possibilitar sua sobrevivência, os acadêmicos faziam doações voluntárias que cobriam os gastos da sede, e, em 6 de setembro de 1904, foi oficializado em votação que as contribuições seriam obrigatórias. Hoje a instituição possui recursos próprios e os acadêmicos não precisam mais contribuir para sua existência.

Segundo Lacerda (2007), uma das principais questões defendidas pela Academia logo no início de suas reuniões era de normatizar a língua falada no Brasil, como, por exemplo, o próprio nome do país: Brasil ou Brazil? O desejo de normatizar, proteger e afirmar a língua portuguesa também envolvia a criação de um dicionário bibliográfico e a reforma ortográfica.

A reforma ortográfica, foi defendida primeiro por Medeiros e Albuquerque, em 1901, com ela a alfabetização seria facilitada, ampliando o acesso do povo à cultura. Mas esse projeto só ganhou força em 1906 com a comissão integrada por José Veríssimo, João Ribeiro, e Silva Ramos, que finalizaram seu trabalho em 1907.

Ainda segundo Lacerda (2007, p.61), embora o projeto da reforma geral da língua portuguesa tenha sido aprovado em 1907, só em 1943 ele foi oficializado, muitas discussões se instauraram até sua aprovação, mas “todo esse tempo não foi, entretanto, perdido. Ele serviu para que as discussões se insturassem, para que as ideias fossem trocadas num clima de amizade, ou esgrimidas no calor da polêmica”.

Durante décadas a Academia esteve envolvida na consolidação da língua portuguesa que até aquela época sofria influências dos idiomas de Portugal e da França, muito foi feito e não cabe aqui desdobrar os acontecimentos, mas podemos afirmar que desde sua fundação os membros da ABL foram grandes idealizadores de uma língua brasileira solidificada e de um Brasil alfabetizado.

Depois da morte de Machado de Assis, em 1908, Rui Barbosa foi eleito seu sucessor na presidência da ABL. Em 1910, Medeiros e Albuquerque, no comando interino da entidade instituiu o fardão como o uniforme dos quarenta imortais. O fardão seria usado nas cerimônias de posse, também inspirado nos moldes da Academia Francesa, mas o brasileiro seguiria a farda dos embaixadores brasileiros, de cor verde escuro, com bordados em forma de louros, espada e bicórnio de veludo preto com plumas brancas.

A Academia sobrevivia, conforme já comentado, através de contribuições dos acadêmicos e também do governo, porém em 1917, Francisco Alves, livreiro e amigo pessoal de alguns acadêmicos, deixou em seu testamento toda sua fortuna para a ABL, sua única condição seria a realização de respeitar um desejo do falecido que “se adequava perfeitamente

aos estatutos da ABL: conceder regularmente dois prêmios, um para obras que divulgassem o ensino primário e outro para obras sobre a língua portuguesa. ” (LACERDA, 2007, p. 81).

A partir de 1920, o prêmio Francisco Alves foi estipulado e mantido até os dias atuais com o objetivo de estimular e disseminar obras de língua portuguesa. Atualmente, é concedido a cada cinco anos, o último premiado foi o escritor, José Rogério Fontenelle Bessa, em 2013, com o texto intitulado “Atlas linguístico do Estado do Ceará”. Desde então, A Academia continua a realizar periodicamente concursos, conferências e prêmios literários.

Além de concursos e prêmios literários, a Academia também realizou projetos de movimentos artísticos e uma série de publicações, dentre elas, a *Revista da Academia*, publicada, pela primeira vez em 1910, que enfrentou inúmeras dificuldades para sua distribuição periódica, muitas vezes por falta de material suficiente para sua edição.

A *Revista da Academia* se tornou mensal em 1924 e em 1937 passou a se chamar *Anais da Academia Brasileira de Letras*³. Dividia suas matérias em reproduções dos discursos e conferências feitos na ABL; textos literários como poesias, contos, romances; trabalhos sobre a língua brasileira com destaque para a reforma ortográfica e os dicionários e textos de cunho administrativo.

No ano de 1922, o governo da França fez uma doação para a Academia Brasileira de Letras, o prédio *Petit Trianon*, réplica do palacete francês, construído no centro do Rio de Janeiro para a Exposição Internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. O presidente da ABL, na época, Afrânio Peixoto, foi quem pediu ao embaixador da França, Alexandre Conty, para interceder a favor da ABL. O governo Francês doou o palacete, mas faltava ainda o governo brasileiro permitir a doação do terreno onde foi construído o prédio.

Em um discurso emocionado, Rodrigo Octavio disse durante a última sessão no *Silogeu* que abrigou a Academia por dezoito anos:

Não pode, entretanto, ser sem tristezas que a Academia abandone a simplicidade destas paredes [...]. Aqui decorreram quase vinte anos de nossa existência; daqui nós vimos desaparecer na morte quase todos aqueles que vinham da primeira hora e muitos daqueles que, depois, chamamos para nossa companhia [...] para nós, apesar da opulência da nova casa e do conforto das novas instalações, não será jamais sem tristeza e funda saudade que passaremos por esta enfiada de janelas por onde entrou o ar que nos deu vida e saiu o eco de tanta fulguração genial. (LACERDA, 2007, p. 98).

A Academia teve sua mudança para o *Petit Trianon* em 15 de dezembro de 1923, agora com espaço para escritório, salão para as sessões, ciclos, conferências e para seu famoso chá acadêmico, sua agenda e atividades envolviam planos para a difusão da língua e literatura

³ A coleção completa dos Anais da ABL está disponível para consulta na biblioteca da ABL.

brasileira. Somente vinte anos depois “em março de 1943, o governo brasileiro ratificou a doação à ABL do terreno onde fora erguido o *Petit Trianon*, e a doação, feita pelo governo francês, do palacete” (LACERDA, 2007, p. 160).

Assim, na busca pelo seu reconhecimento como uma instituição literária, a Academia seguia promovendo a cultura da língua portuguesa para além das fronteiras nacionais, estimulando também o ensino do português na rede pública francesa e na Universidade de Lisboa, além disso, participou do Congresso sobre Direitos Autorais em Paris, do tricentenário da Academia Francesa e teve participação decisiva na elaboração da Constituição que tratava da unidade da língua falada no Brasil e em Portugal.

A trajetória dos acadêmicos até uma sede própria no *Petit Trianon*, foi lembrada em 2015, com uma exposição no hall do primeiro andar onde funciona o Arquivo. Nessa exposição estavam reproduzidos e ampliados os lugares que abrigaram as reuniões dos imortais. Intitulada “As Casas da Casa”. Logo na entrada deste andar, um pequeno texto escrito pelo diretor do Arquivo, Acadêmico José Murilo de Carvalho, contava a trajetória. Essa exposição foi encerrada no dia 6 de outubro de 2017.

Na edição de número 81 da *Revista Brasileira*, está publicado o texto, na íntegra, onde José Murilo de Carvalho nos conta essa história, com as ilustrações dos lugares, onde podemos perceber o reconhecimento dos Acadêmicos pelo esforço dos membros que tanto lutaram pela perpetuação e memória da instituição. Esta edição está disponível no site da ABL.

2.2 O Arquivo Múcio Leão

A história da criação do Arquivo da ABL tem seu primeiro momento nas falas de acadêmicos e na expressão “Arquive-se!”, escrita e rubricada por Machado de Assis, na carta enviada por Tristão de Alencar Araripe Junior, em 22 de dezembro de 1896. A partir de então, os acadêmicos determinavam que os documentos deveriam ser recolhidos ao Arquivo, sugerindo que este setor existisse, mas a primeira referência à estruturação do setor só aparece na ata do dia 9 de dezembro de 1926, quando o cargo de “*archivista*” foi proposto pelo Acadêmico Constâncio Alves, desvinculando assim, o Arquivo da Biblioteca. Porém, essa proposta não foi aceita.

Segundo ata de 16 de dezembro de 1943, durante discussão do projeto de Reforma do Regimento Interno, o então presidente da casa, Múcio Leão, apresentou uma emenda que determinava a eleição de um diretor para o Arquivo de três em três anos e novamente pediu a desvinculação do Arquivo da Biblioteca, conforme expressado no desejo do Acadêmico Constâncio Alves, já comentado anteriormente. Desta vez o Regimento foi aprovado, e os

acadêmicos indicaram Múcio Leão para acumular a presidência e a direção do Arquivo, ele ocupou a direção do setor até seu falecimento em 12 de agosto de 1969.

Em 04 de janeiro de 1945, o Jornal *A Noite*, publicou um artigo intitulado *Arquivos Literários* em que eleva o trabalho do presidente e diretor do Arquivo da ABL, e destaca:

Assumi a sua direção o Sr. Múcio Leão. O presidente da Academia passa além da chefia de seu executivo para o recinto das reminiscências da vida acadêmica, a cujo estudo, organização e divulgação dará o carinho e a paciência com que rebusca sempre as coisas do passado literário, e o eficiente espírito de pesquisa [...] Quem acompanha os suplementos dominicais de Múcio Leão no “A Manhã” conhece perfeitamente o grande pesquisador que ele é e o amor que tem pelos documentos, de par com uma verdadeira vocação pelo arquivo literário em geral [...]. O Arquivo da Academia, nos moldes em que se vai estruturar, poderá vir a ser a mais preciosa fonte de estudos das nossas atividades literárias. (*A Noite*, 1945, [s/p.]).

O “Arquivo Múcio Leão” é assim denominado em homenagem ao seu primeiro diretor. No dia 30 de dezembro de 1969, quatro meses após sua morte, realizou-se a Sessão Pública para a posse da Diretoria de 1970. Neste dia, o Presidente, o Acadêmico Austregésilo de Athayde, ao ler o Relatório da Diretoria e o Programa para o ano de 1970, pronunciou as seguintes palavras, anexas a ata daquele dia, com relação ao Arquivo:

Neste [arquivo] foi grande o trabalho realizado este ano, tendo começado também a organização dos arquivos que nos foram doados por Múcio Leão, inclusive o Dicionário Bibliográfico, obra de extraordinária paciência realizada por esse nosso grande e saudoso companheiro, cujo nome foi, com toda justiça, dado a tão importante departamento da Academia Brasileira de Letras. (ABL, 1970, p.2).

Segundo o Regimento Interno da ABL (2004), capítulo VIII, art. 47 “O Arquivo tem por finalidade a preservação, a organização e a criação de facilidades para o acesso à documentação produzida, recebida e acumulada pela Academia e por seus membros”. Seu acervo é composto de material doado pelo acadêmico ou por seus herdeiros, sua acumulação é ininterrupta, pois cada vez que um acadêmico falece, a cadeira é declarada vaga, e, após três meses, ocorre outra eleição, e assim, um novo “arquivo” começará a ser incorporado à instituição.

Podemos considerar que, o Arquivo da ABL foi idealizado para a guarda e propagação dos arquivos da instituição, bem como para abrigar os documentos privados e pessoais de seus membros. Alguns desses documentos foram doados para dar acesso às pesquisas sobre a história da instituição e para perpetuar sua memória. Os funcionários que trabalhavam no setor, estiveram envolvidos em conservar e dar acesso aos documentos quando solicitados tanto às

pesquisas internas da instituição e seus membros, quanto às pesquisas externas, consultado apenas por um pequeno e seletivo grupo de pesquisadores.

Assim, o arquivo da ABL pode ser visto pela sociedade como um lugar com fontes para pesquisas históricas da literatura brasileira, desejo que Athayde defendeu durante mais de três décadas de presidência até sua morte em 1993. Em 1996 com a aproximação do centenário da ABL, os preparativos começaram a ser discutidos em sessões acadêmicas, agora sob a presidência de Nélida Piñon.

Uma das medidas tomadas para as comemorações do centenário foi a criação de um Centro de Memória, que incorporaria o Arquivo Múcio Leão, o Núcleo de Conservação e Restauração de Documentos, a Museologia, o Espaço Machado de Assis, o Teatro Raimundo Magalhães Jr. e o Setor de Áudio e Vídeo, com a função de guarda e preservação dos acervos arquivísticos e museológicos, montagens de exposições e divulgação de shows, palestras, ciclos e conferências realizadas no Teatro.

Outra providência realizada, nesse contexto, foi o acesso às dependências da ABL pelo público, através de visitas guiadas onde atores contam a história da instituição, essa atração é oferecida até hoje, em dias e horários agendados para grupos de estudantes e turistas que queiram conhecer um pouco sobre a história da Academia. Em entrevista ao jornal *O Globo* a presidente da casa, Nélida Piñon, comentou sobre os preparativos para o centenário da ABL:

Uma comissão especial foi criada apenas para cuidar das comemorações. Um dos principais projetos é o Centro de Memória. [...] A modernização do arquivo passa também pela sua abertura ao público, que poderá ter acesso a obras raras como o bilhete escrito por Victor Hugo e a foto do prédio onde foi feita a primeira sessão. [...] Até mesmo o *Petit Trianon*, sede da ABL desde 1923, será aberto ao público. Através de visitas guiadas, quem quiser poderá conhecer, a partir de abril, os antigos salões e ver de perto relíquias como objetos pessoais de Machado de Assis. (O GLOBO, 02/03/1997).

Em 2013 o Arquivo Múcio Leão sofreu uma nova reformulação, seu espaço foi ampliado, com instalações modernas para os arquivos deslizantes, mapotecas, salas para os arquivistas e estagiários, recepção e sala de consulta ampliada. Todo o acervo passou a ser monitorado por sistema de câmeras assim como o local de consulta aos documentos. Também foi implantado um sistema de incêndio modernizado, no depósito e na reserva técnica, que não utiliza água em caso de sinistros nessas dependências.

Em 2017, o Arquivo tornou-se independente dos outros setores que integram o Centro de Memória da ABL, assim como as duas Bibliotecas da casa, este é um setor que conquistou sua autonomia e independência.

2.3 A revitalização do Arquivo Múcio Leão

No Ano do Centenário da ABL, em 1997, foi contratado um Arquivista e Consultor, Sérgio Conde de Albite Silva, para o trabalho de revitalização do Arquivo e sua sistematização. Ele iniciou um profundo estudo para que os princípios e normas arquivísticas pudessem ser implantados no Arquivo. Vale ressaltar, que até aquela data, o arquivo apesar de atender bem à consulta dos acadêmicos e pesquisadores autorizados, ainda não estava organizado segundo normas arquivísticas.

Depois de realizar o diagnóstico da situação do Arquivo, Silva produziu alguns documentos (como relatórios) que se encontram arquivados no Arquivo da ABL. Segundo seus apontamentos, o acervo encontrado era composto, em sua grande maioria de documentos textuais sobre suporte papel, com predominância de recortes de jornais e alguns documentos originais e manuscritos sem qualquer tratamento ou critério arquivístico, apesar de terem recebido algum tipo de arranjo e acondicionamento. Segundo Silva:

Este acervo foi acumulado sem qualquer tipo de tratamento ou critério arquivístico [...] A primeira consequência disso é que o documento relevante, o documento de arquivo, encontrar-se sucumbido à grande massa de documentos não arquivísticos”. (SILVA, 1997, p. 3).

Outra observação feita pelo consultor foi que os originais da produção literária, as correspondências, as declarações de votos, etc., são documentos únicos, originais, diferenciados, impossíveis de existirem em outro lugar. Trazem a marca, a “impressão digital” de seus autores, e são os documentos permanentes da Academia, temporalidade essa, inexistente na instituição até então, pois anteriormente não se existia uma identificação dos documentos em idade corrente ou intermediária.

Em sua proposta, o consultor explica como foi feita a implementação do Arquivo. Após identificado o acervo “permanente”, este seguiu um levantamento, identificação, descrição e acondicionamento apropriado e seria o início da organização do acervo. Os documentos pessoais dos acadêmicos e patronos foram arquivados com o nome do titular compondo os fundos ou coleções documentais. A implantação de um sistema de arquivo propriamente dito seria iniciada, tratando os documentos em suas fases corrente, intermediária e permanente.

Dessa forma, ele identificou duas linhas de acervo: o *Arquivo dos Acadêmicos*, composto pelos documentos privados e pessoais de seus membros, entregues à custódia da instituição, e o *Arquivo Institucional* composto pelos documentos administrativos e funcionais, produzidos, recebidos e acumulados em decorrência das atividades-meio e atividades-fim da instituição.

Também foram publicados dois instrumentos de pesquisa, resultados do trabalho desenvolvido pelo Arquivo. São eles: o *Guia Geral do Arquivo dos Acadêmicos*⁴, que hoje está desatualizado, mas está disponível no site da ABL e contém as informações de como foram feitos o trabalho e o tratamento de cada conjunto documental; e o *Inventário do Arquivo Machado de Assis*, o primeiro inventário do Arquivo, que estabelece a metodologia para os próximos inventários.

Para entender melhor a composição do Arquivo dos Acadêmicos o *Guia Geral do Arquivo dos Acadêmicos* define:

Em relação ao Arquivo dos Acadêmicos, os conjuntos documentais formados pelos documentos privados e pessoais, produzidos organicamente, recebidos e naturalmente acumulados pelos acadêmicos, constituem um **fundo arquivístico**. Os outros documentos, acumulados artificialmente pela instituição ou por terceiros, em nome do acadêmico, constituem uma **coleção de documentos**. Para não segmentar e desvalorizar a potencialidade documental e informativa de tais conjuntos, manteve-se a forma original dos arquivos privados pessoais, onde o nome do titular, isto é, o acadêmico, fica como referência principal, “batizando”, sob a denominação maior de Arquivo, tanto o fundo arquivístico como a coleção de documentos. Tem-se, então, o Arquivo Machado de Assis, o Arquivo Joaquim Nabuco, o Arquivo Coelho Neto [...], alguns com um fundo arquivístico e com uma coleção de documentos, outros apenas com um fundo arquivístico, e ainda outros tantos, com apenas uma coleção de documentos. (ABL, 2003, p. 14).

Vale destacar que antes do projeto de modernização, os documentos do arquivo eram organizados entre acadêmicos vivos e mortos, de acordo com o número da cadeira em que o membro fosse eleito. Assim, a partir de sua entrada para a Academia, o acúmulo de documentos de cada membro era arquivado ao número correspondente, onde seus documentos estariam guardados em uma estante, a dos vivos. Após sua morte, seus documentos passavam para uma outra estante, a dos mortos, com o mesmo número da cadeira para qual foi eleito.

Também não existiam documentos de todos os membros no arquivo, para isso, o professor Sergio Conde Albite Silva propôs que cada acadêmico ou familiares doassem alguns documentos para compor seu “arquivo”. A segunda fase, foi a solicitação de reuniões e entrevistas com os responsáveis de cada setor, para fazer um levantamento do fluxo documental e assim dar início à implantação do Arquivo institucional.

Para desenvolver os procedimentos adotados no projeto, tornou-se imprescindível a montagem de uma equipe de funcionários da ABL que seria responsável pelo trabalho. Sendo assim foi contratado um arquivista formado para ser o chefe do Arquivo e coordenar os

⁴ Para acessar o Guia geral do Arquivo dos Acadêmicos em meio eletrônico: http://www.academia.org.br/abl/media/guia_geral_arquivos_academicos.pdf

trabalhos realizados pelos funcionários do setor, também foram contratados dois estudantes do curso de Arquivologia como estagiários do Arquivo.

Atualmente, o quadro de funcionários é composto por, Maria de Oliveira, chefe do Arquivo e responsável pelo trabalho das arquivistas Ana Renata Tartaglia e Juliana Amorim de Souza que coordenam o Arquivo Institucional e o Arquivo dos Acadêmicos, respectivamente. Ainda fazem parte do quadro do Arquivo, Joana Cardoso, funcionária do Arquivo há 50 anos e dez estagiários do curso de Arquivologia.

O trabalho de conclusão e a revisão do Plano de Classificação de Documentos e da Tabela de Temporalidade estão em fase final. Alguns arquivos já se encontram disponíveis no site da ABL através do sistema *Sophia Acervo*. Todos os documentos dos patronos já foram digitalizados e disponibilizados na base; os arquivos de Machado de Assis e Roquette-Pinto, ganhadores do prêmio Memória do Mundo da UNESCO, são destaques que em breve também estarão disponíveis pela internet.

Em 20 de julho de 2017 a ABL fez 120 anos. Uma instituição envolvida, desde sua gênese, ao culto da memória e da tradição. Podemos perceber isso em suas cerimônias de posse, comemorações de aniversários e falecimentos, publicações de obras de seus membros, seus símbolos, seu fardão, etc., todos esses projetos são uma perpetuação de construção da memória que confirmam o desejo de seus fundadores em perpetuar a memória da instituição e de si próprios, chamados *Imortais*.

3 AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE: UM VISIONÁRIO DA ABL

Para entender dados importantes da vida de Athayde, construímos uma biografia baseada principalmente por meio de pesquisa bibliográfica sobre dois livros: o primeiro, escrito por seu genro, o Acadêmico Cícero Sandroni em 1998, e, o segundo pela filha de Athayde, Laura Sandroni, em 2011.

Neste capítulo também será apresentada a atuação de Austregésilo de Athayde de forma a compreender a formação da “coleção Austregésilo de Athayde” constituída de documentos produzidos por ele e pela ABL no período entre 1959 e 1993, e do “fundo Austregésilo de Athayde” formado por documentos pessoais doados pela família dele à ABL em 2016.

Buscamos entender a formação e a particularidade desses conjuntos de documentos para a formação de sua trajetória na instituição e sua vida pessoal. Por fim discute-se também a existência de arquivos institucionais dentro de conjunto de documentos pessoais e a melhor forma de organizá-los.

3.1 Uma vida documentada

Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Athayde foi professor, jornalista, cronista, ensaísta e orador. Foi o terceiro filho de José Feliciano Augusto de Athayde e de D. Constância Adelaide Rodrigues Lima, nasceu na Cidade de Caruaru (PE) em 25 de setembro de 1898 e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 13 de setembro de 1993.

Austregésilo de Athayde como ficou conhecido, passou sua infância no Ceará, onde estudou para o sacerdócio até o 3º ano de Teologia no Seminário da Prainha, mas deixou a instituição em 1916 por ter dificuldades em aceitar os dogmas da igreja. Segundo Laura Sandroni (2011, p. 14), quando foi chamado ao gabinete do reitor, padre Guilherme Vaassen, ouviu dele que não tinha vocação para o sacerdócio e o padre sentenciou: “Belarmino, você deve ser jornalista”, para ela, as palavras do padre foram como um “conselho, sem dúvida, profético”.

Iniciou sua carreira como professor de português, latim e história no Colégio Cearense e no Colégio São Luiz e também lecionou como professor particular para ajudar a custear suas despesas. Em 1917, se matriculou no preparatório do Liceu Cearense para ingressar no curso superior. No entanto, tinha outros objetivos para sua realização pessoal e escreveu ao seu tio Antônio Austregésilo, médico e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), pedindo auxílio para se mudar para a capital da república.

Em 1918 se transferiu para o Rio de Janeiro, onde continuou a dar aulas particulares, quando em setembro de 1918 conheceu Assis Chateaubriand, jornalista que o incentivou à

carreira jornalística. Em 18 de dezembro daquele ano, o Jornal *A Tribuna* publicou seu primeiro artigo. Nesse tempo também se dedicou à crítica literária, tradução e redação no jornal *A Folha* e agências *Associated Press* e *United Press*. Seu primeiro livro: *Histórias Amargas* foi publicado em 1921.

Estudou na Faculdade de Direito do antigo Distrito Federal, hoje Rio de Janeiro, mas sempre esteve ligado profissionalmente à imprensa. Em 1924, quando Chateaubriand comprou *O Jornal*, este convidou Athayde para assumir a direção onde exerceu intensa atividade e, “assim começou a relação profissional dos dois nordestinos cuja amizade, mantida durante 44 anos, baseava-se em lealdade e confiança mútua e resistiu a discussões acaloradas, pois Chateaubriand dava-lhe total liberdade de expressão [...]” (SANDRONI, 2011, p. 23).

Ainda segundo Sandroni (2011, p. 27), “ao completar 33 anos, Athayde sentia-se realizado e confiante no futuro”, considerava ter alcançado o sucesso na profissão que escolheu e pediu em casamento a jovem, Maria José de Queiroz, a Jujuca, e prometeu se casar assim que retornasse de São Paulo, onde iria como repórter para cobrir a Revolução Constitucionalista⁵ “contra o governo de Getúlio Vargas. Embarcou em 5 de julho de 1932, no trem noturno para a cidade paulista, no entanto, seu retorno não foi tão imediato como imaginavam.

Segundo Cícero Sandroni (1998, p. 300), quando a revolução estourou ele acompanhou os combates atuando “como correspondente de guerra, visitando as linhas de frente e assistindo aos combates travados nos vários setores; escreveu artigos e editoriais a favor das forças paulistas nos *Diários Associados*⁶ e redigiu textos a favor da revolução, lidos pelo locutor César Ladeira na Rádio Record de São Paulo”.

Algumas cartas estão descritas no livro, entre elas, uma em que Athayde escreveu para Jujuca, no dia 27 de agosto de 1932, sobre seu trabalho nas trincheiras:

Maria José: Recebi a tua carta e podes imaginar a alegria e emoção. Escrevete das trincheiras das margens do rio Grande e espero regressar logo para ficarmos juntos para sempre. Tenho feito contínuas excursões pelo interior de São Paulo em companhia do João Neves. Tudo que tenho para contar-te não caberia num livro inteiro. [...] (SANDRONI, 1998, p. 301).

⁵ A Revolução Constitucionalista ocorreu no estado de São Paulo, entre julho e outubro de 1932. Foi o movimento armado que tentou derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas e lutou pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte.

⁶ Fundada por Assis Chateaubriand em 2 de outubro de 1924, o grupo dos Diários Associados foi a primeira rede de integração nacional por meio de veículos de informação, que chegou a reunir sob sua marca quase 100 jornais, revistas, estações de rádio e de televisão. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/conteudo.php?co_pagina=114>. Acesso em: 21 set. 2017.

Quando a revolução terminou no dia 1º de outubro de 1932 com a derrota dos paulistas, alguns chefes militares se entregaram e outros fugiram para o Uruguai e Argentina. Athayde acatou a ordem de prisão, foi preso e desembarcou no Rio, no dia 11 de outubro de 1932. A manchete do dia seguinte de *O Jornal*, publicou as fotos dos que foram presos na estação Alfredo Maia, todos de chapéu, bem trajados, Athayde entre Cassiano Ricardo e Prudente de Moraes Neto. Segundo a narrativa de Sandroni, eles desfilaram em fila indiana “de cabeça erguida, sob a vigilância dos policiais e a curiosidade de pequena multidão, a caminho da Casa de Detenção”. No dia 29 de outubro foi deportado para Lisboa. (SANDRONI, 1998, p. 309).

Durante o exílio, morou em várias cidades até se instalar em Buenos Aires. Além de se preocupar com seu sustento, Athayde também tentava conseguir uma licença para vir ao Rio e se casar. Depois de muitos telefonemas e cartas para o então Ministro do Exterior, Afrânio de Melo Franco, a vinda para o Rio de Janeiro foi concedida e seu casamento foi realizado no dia 12 de julho de 1933, o casal embarcou de volta a Buenos Aires quatro dias depois da cerimônia.

De lá, Athayde escrevia seus artigos sobre política internacional e assinava para o *Diário da Noite*, de São Paulo. Iniciou nessa tribuna sua constante luta contra o nazismo, em 16 de agosto de 1933 escreveu o artigo que provocou a ira do jornal *Deustche Zeitung*, publicado também em São Paulo, intitulado “Catástrofe Iminente na Europa” nele afirmava que:

A tensão dos espíritos do Velho Mundo, sobretudo depois que a Alemanha foi parar nas mãos do Sr. Adolfo Hitler, é semelhante à que precedeu os dias sombrios de 1914. Então, como agora, os governos internacionais seguiram por um caminho que haveria de levar fatalmente à carnificina [...]. Tudo o que falta agora é o acontecimento servir de pretexto. (SANDRONI, 2011, p. 30).

Athayde seguiu escrevendo seus artigos e comentários sobre política internacional e variados assuntos que o fizeram ganhar reconhecimento dentro e fora do Brasil. Em 1948, o Presidente Eurico Gaspar Dutra o convidou para fazer parte da delegação do Brasil na III Assembleia Geral da ONU, em Paris. Foi encarregado de preparar o texto da Declaração Universal dos Direitos do Homem, documento que originou a Declaração dos Direitos Humanos.

No 20º aniversário da Declaração, em 1968, a Academia Sueca conferiu o Prêmio Nobel da Paz ao jurista e filósofo, René Cassin, que ao receber a homenagem, conforme consta na biografia disponível no site da instituição, declarou aos jornalistas: “Quero dividir a honra desse prêmio com o grande pensador brasileiro Austregésilo de Athayde, que ao meu lado, durante

três meses, contribuiu para o êxito da obra que estávamos realizando por incumbência da Organização das Nações Unidas”⁷. (ABL, 2017, [s/p].)

Em 1978, quando o documento estava completando seu 30º aniversário, foi a vez do Presidente dos EUA, Jimmy Carter, reconhecer universalmente através de uma carta endereçada à Athayde, “a “vital liderança” por ele exercida na elaboração da Declaração Universal dos Direitos do Homem”. (ABL, 2017, [s/p]).

Eleito em 9 de agosto de 1951 para a cadeira n. 8 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Oliveira Viana, foi recebido por Múcio Leão em 14 de novembro de 1951, que fez questão de lembrar “a vida e os trabalhos de Athayde, especialmente os episódios dos primeiros anos, quando os dois ensaiavam os passos iniciais no mundo das letras”. Athayde foi um dos acadêmicos que mais tempo durou em uma presidência, de 1959 até 1993. (SANDRONI, 1998, p. 507).

Mesmo depois de entrar para a ABL, Athayde continuou sua carreira jornalística e foi diretor do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro por muitos anos. Não escreveu muitos livros, dedicava seus escritos mais a área jornalística. “Gabava-se de ser o mais antigo editorialista e articulista em atividade em todo o mundo. – “Não me interessa em publicar livros” e afirmava: “Como jornalista, eu fiz literatura. Sou jornalista e quero ser jornalista, intérprete do meu tempo e profeta do futuro de meu País”. (ABL, 2017, [s/p]).

Athayde foi um homem liberal, visionário e realizador que se dedicou a tarefa de engrandecer a ABL espiritual e materialmente. “A Academia tornou-se o centro de sua vida e ele converteu-se, com o passar do tempo, na própria encarnação da ABL, transfundindo-se na instituição que tão bem dirigiu”. (ABL, 2017, [s/p]).

Conquistou grandes realizações dentro e fora da ABL, sempre envolvido em melhorias para a Casa de Machado de Assis, dentre elas, a construção do prédio anexo, com 29 andares, imóvel que leva seu nome *Palácio Austregésilo de Athayde*, umas das maiores fontes de renda da ABL.

De acordo com Donald Stewart Jr. escreveu sobre a doação do terreno onde foi construído o prédio, o sonho de Athayde era:

Fazer construir no local um grande edifício de escritórios a ser explorado comercialmente através da renda dos aluguéis [...], cuja renda, a partir de 1999, reverterá inteiramente a ABL, tornando-a uma das mais ricas, [...] permitindo assim que a ABL leve adiante seus planos de incentivo à cultura,

⁷ Para ver biografia completa de Austregésilo de Athayde, acessar: <<http://www.academia.org.br/academicos/austregesilo-de-athayde/biografia>>. Acesso em 25 de set. 2017.

muitos deles, durante muito tempo, acalentado por Dr. Athayde. (SANDRONI, 1998, p. XV).

Para isso ele precisava conseguir a doação do prédio vizinho, onde havia sido construído o Pavilhão Francês em 1922, no terreno seria construído o sonho visto por muitos companheiros como impossível.

Durante o governo do presidente Castelo Branco ele conseguiu, mas não foi tão fácil assim, primeiro o presidente negou enfaticamente e acrescentou: “ ‘Você está maluco! ’. Porém, nos últimos anos de seu governo, Castelo Branco, ao telefone lhe disse: ‘Athayde, tem alguém mais maluco do que você. Acabo de assinar o decreto de doação’”. (SANDRONI, 1998, p. XV).

Athayde sabia que a construção do prédio era um esforço importante para o futuro da ABL e para a manutenção das atividades que a casa mantém. Segundo Sandroni, ele expressou essa importância em um artigo de 1971, onde dizia:

Não é possível realizar cultura sem um potencial econômico correspondente. Como na guerra, o dinheiro é a mola dos empreendimentos dessa natureza. A Academia compreende que as suas responsabilidades para com a nação aumentaram muito a partir de hoje e, pela constância e idealismo de seus membros, levará avante em futuro próximo uma obra cuja benemerência a consagrará como um dos pontos mais elevados e nobres da civilização do nosso país. (SANDRONI, 2011, p. 39).

Durante a realização da Sessão *Saudade pela morte de Athayde*, em 16 de setembro de 1993, o Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho lembra o empenho dado por ele para conseguir a doação e disse:

Que só ele teria condições de conseguir a liberação do terreno em que hoje se ergue o Centro Cultural do Brasil⁸, só ele teria condições de arrancar dos governos militares aquelas medidas e os recursos que seriam necessários para obter a propriedade plena da Academia [...] E aí está o que ele era, um lutador incansável, permanente, apaixonado, tendo mais prazer nos êxitos da Academia do que nos êxitos pessoais [...]. (Livros de Atas da ABL, 1993, p. 355).

Athayde dedicou-se à vida acadêmica desde agosto de 1951, quando ingressou na Casa de Machado de Assis. Muito envolvido com a instituição, foi um homem a frente de seu tempo e sempre buscou projetar a ABL na mídia e na sociedade brasileira. Conforme apresentado no presente capítulo, que buscou detalhar a vida do produtor do acervo, objeto desta pesquisa.

⁸ O Centro Cultural do Brasil, passou a se chamar Palácio Austregésilo de Athayde em homenagem a seu idealizador.



Figura 1 - Fonte: Arquivo da Academia Brasileira de Letras

3.2 O “Arquivo Austregésilo de Athayde”

No Arquivo Múcio Leão existe um conjunto de documentos denominado “Coleção Austregésilo de Athayde”, este acervo é composto por documentos produzidos pelo titular enquanto membro da ABL. Esses documentos são muito relacionados as suas atividades profissionais. Porém, em 2016, a ABL recebeu um considerável número de documentos também produzidos por Athayde que estavam sob custódia de sua família.

Iniciou-se então um debate interno sobre como proceder a organização, uma vez que os documentos que já estavam na instituição ainda não foram organizados segundo a metodologia arquivística adotada a partir de 1998. Optou-se por construir o *Arquivo Austregésilo de Athayde* em dois conjuntos documentais, sendo o conjunto de documentos recém doados chamado de “Fundo Austregésilo de Athayde” e os que já estavam na instituição continuam como “Coleção Austregésilo de Athayde”.

Esta organização pode ser analisada através da metodologia utilizada pela equipe do Arquivo e especificada pelo Guia dos Acadêmicos, apresentado na página 22 deste trabalho. Pois embora os documentos tenham sido produzidos pelo mesmo titular, serão organizados de forma distinta. Para um melhor entendimento sobre como a equipe trabalha a *Coleção* e *Fundo*,

organizamos esta seção em duas subseções do capítulo. Vale ressaltar que já existia uma ordenação feita pela equipe que trabalhava anteriormente na *Coleção* e que poderá ser revista.

3.2.1 A “Coleção Austregésilo de Athayde”

A *Coleção Austregésilo de Athayde* possui documentos dispostos em 39 pastas suspensas, 23 caixas de arquivo contendo recortes de jornais e 2 (duas) contendo fotografias. As pastas suspensas já possuíam um levantamento prévio de assunto, as fotografias e hemeroteca ainda não.

Assunto	Número de pastas / caixas
Biografia	1
Certidão de óbito	1
Conferência	1
Correspondência ativa	4
Cartões postais	1
Correspondências sobre falecimento	2
Correspondência passiva	17
Discurso	2
Documento / Diploma	1
Entrevistas	1
Homenagens	2
Manuscrito / datilografado (obras)	1
Ofício	1
Parecer	1
Proposta	1
Sucessor	1
Fotografias	2
Hemeroteca	23

Tabela 1 - *Coleção Austregésilo de Athayde: elaboração própria.*

Percebe-se que nessa coleção existem documentos que atendem aos requisitos e características de produção e origem funcional da casa, eles poderiam fazer parte do *Arquivo Institucional* (AI) como, por exemplo, as cartas de inscrição para o ingresso de novos membros que o titular recebeu enquanto presidiu a instituição.

Para verificar a aplicação da metodologia adotada atualmente pelos profissionais que trabalham no Arquivo da ABL, analisamos o trabalho de Isabelle da Rocha Brandão (2008), sobre o arquivo do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que doou o seu arquivo pessoal à ABL, e também foi presidente nos períodos 2006 – 2007 e 2010 – 2011. Porém, este arquivo é um fundo aberto, onde o titular envia, regularmente, documentos para serem arquivados.

Segundo a autora, a equipe juntamente com o titular estabeleceu como se daria a separação dos documentos de cunho pessoal e institucional. E afirmou que: “em alguns momentos o titular mandava cópias para o seu arquivo pessoal de documentos oriundos de sua atividade como presidente, os quais ele julgava ser necessário guardar. Porém sempre que possível isto foi evitado por parte dos arquivistas”. (BRANDÃO, 2008, p. 24).

Esta ação nos mostra como é feita atualmente a seleção de documentos identificados de cunho institucional. A sistematização do Arquivo Institucional permite o gerenciamento da documentação produzida pelos acadêmicos e funcionários nos seus setores, o que não acontecia antes. As cartas de inscrição recebidas atualmente permanecem na Presidência até o período de recolhimento, realizado no final da gestão de cada diretoria.

Como já explicamos no capítulo II, quando foi identificado e implantado o Arquivo Institucional, passou-se a organizar os documentos institucionais separados dos documentos pessoais, porém, ainda não temos certeza de como se dará a organização do acervo de Athayde, pois de acordo os princípios arquivísticos, quando os documentos já constituem um fundo fechado não parece recomendável desmembrar e separar o que poderíamos entender como institucional.

Entrevistamos Maria Oliveira, atualmente chefe do Arquivo. Ela nos explicou que o fundo Arquivo Institucional já existia quando a consultoria foi contratada, ele só não estava organizado e também não era alimentado seguindo nenhuma regra. Segundo ela, existia um arquivo de gavetas identificado como documentos institucionais separado do arquivo dos acadêmicos que era identificado pela numeração das cadeiras.

A partir de 1998, os documentos produzidos pela instituição passaram a ser classificados e arquivados no fundo Arquivo Institucional, podemos usar o exemplo da *série presidência*, onde os documentos referentes são arquivados nesse fundo, sempre descrevendo remissivas para o arquivo pessoal do acadêmico correspondente, utilizado para um melhor cruzamento da informação e localização para pesquisas tanto institucionais quanto pessoais.

Perguntamos a Maria Oliveira, por que essa coleção ainda não está organizada. Ela explicou que durante a revitalização do Arquivo, foi definido um cronograma para a organização e descrição dos arquivos, porém, pelo fato dos documentos de Machado de Assis ser o mais consultado, seria o primeiro a ser organizado e digitalizado para evitar o manuseio dos originais e manter sua integridade física. O mesmo aconteceu com o Arquivo de Roquette-Pinto.

Seguindo o cronograma, os primeiros a serem organizados foram todos os arquivos dos patronos⁹, por serem os “primeiros membros” da Casa e pelo fato de seus documentos serem relativamente pequenos em comparação com os dos outros membros. Ainda ficou decidido que depois seriam organizados o arquivo dos 40 fundadores, etapa ainda em desenvolvimento. Somente depois desses arquivos organizados acontecerá a organização dos sucessores, a ordem seguirá de acordo com a data em que tomaram posse na ABL, por isso o “Arquivo Austregésilo de Athayde”, *coleção e fundo*, ainda não está organizado.

3.2.2 O “Fundo Austregésilo de Athayde”

Em 18 de novembro 2016 o acervo pessoal de Athayde foi doado por sua família. Entre eles estão artigos, palestras e correspondências que em sua maioria foram organizados por D. Maria José quando ainda era noiva de Athayde. Em seu livro, Sandroni, escreveu sobre o cuidado dela na guarda dos documentos, onde afirmou que ela:

[...] recolheu todos os artigos escritos pelo marido e colecionou-os, colando-os em pranchas, Jujuca arquivou a correspondência de Athayde, recortou e guardou notícias que a imprensa publicou durante três quartos de século, sobre ele e ela, e depois sobre os filhos e netos. Realizou esse trabalho com prazer e carinho até os últimos dias de sua vida. (SANDRONI, 1998, p. XIX).

Assim que a família demonstrou interesse em doar os documentos, uma equipe da ABL formada por uma arquivista, um bibliotecário e dois estagiários foram ao local de guarda dos documentos e começaram o trabalho de levantamento para mensurar, avaliar e separar os documentos de arquivo dos bibliográficos, como a ABL também possui uma biblioteca responsável pela guarda dos livros doados pelos membros, o trabalho foi feito pelos dois setores.

Para entender um pouco mais sobre o “fundo” Austregésilo de Athayde, conversamos com a filha, Sra. Laura Sandroni, no dia 04 de outubro de 2017. Ao ser questionada sobre o motivo de doação dos documentos, D. Laura nos explicou que o acervo estava arquivado na casa onde seus pais viveram e que agora precisava desocupar o imóvel, na falta de outro local, a família decidiu doar à ABL e disse acreditar que será o melhor lugar para a guarda e preservação dos documentos do titular.

Perguntamos se alguém mais trabalhava arquivando os documentos do titular em sua residência, D. Laura nos explicou que somente D. Jujuca foi responsável pela guarda, após sua morte, o próprio titular realizava o arquivamento. Alguns documentos foram pesquisados por D. Laura e por seu marido, o Acadêmico Cícero Sandroni, para a produção do livro que

⁹ Os arquivos dos patronos são coleções de documentos reunidos artificialmente pela ABL.

escreveram em 1998. Segundo D. Laura, todos os documentos foram doados, nenhuma outra pessoa pesquisou o acervo além deles, ela não se recorda de ter feito nenhuma eliminação ou envio de documentos para outro parente.

Segundo o relatório¹⁰ de 12 de dezembro de 2016, desenvolvido pela equipe do Arquivo Múcio Leão. O local de guarda do acervo era o Casarão de Austregésilo de Athayde, localizado na rua Cosme Velho, n. 599, no Bairro Cosme Velho (RJ). Foram feitas 7 (sete) visitas técnicas entre 10 de outubro de 2016 e 11 de novembro do mesmo ano.

Seu acervo estava arquivado onde funcionava a biblioteca da residência, nela foram encontradas várias estantes de livros, 3 armários de metal com 4 gaveteiros cada um e um móvel de madeira com mais documentos e diplomas. Ainda segundo o relatório, diante de uma massa documental acumulada muito grande e sem ordem definida, a seleção do acervo foi feita por assunto e depois o material foi acondicionado em caixa arquivo para sua transferência à ABL.

A equipe identificou e acondicionou os documentos em 66 caixas-arquivo:

Assunto	Número de caixas
Academia Brasileira de Letras	11
Certificados / Diplomas	1
Citações e comentários	11
Conferências e cursos	2
Conferência mundial (16 ^a)	1
Correspondência	15
Correspondência familiar	2
Declaração dos Direitos Humanos	2
Diários associados	3
Diário da noite	1
Diversos	1
Documentos pessoais de Athayde	1
Entrevistas	1
Fotografia	3
Hemeroteca	2
Instituições	1
Jornal do Comércio	1
Pêsames / felicitações	2
Prêmios / homenagens	1
Produção intelectual	1
Produção intelectual (dúvida)	1
Produção intelectual de terceiros	1
Revolução constitucionalista	1

Tabela 2: Fundo Austregésilo de Athayde - elaboração própria.

¹⁰ O relatório sobre a doação do acervo pessoal de Austregésilo de Athayde está arquivado no Arquivo Institucional da ABL.

Após esse levantamento, os documentos foram arquivados com uma notação provisória em ordem numérica de acordo com o assunto. As fotografias e álbuns foram colocados em caixas separadas, porque foram levados diretamente para o Núcleo de Conservação e Preservação da ABL. Toda a documentação selecionada foi embalada, lacrada e recolhida ao Arquivo.



Figura 2 - Fonte: Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

Este conjunto de documentos está fechado para consulta, pois está passando por tratamento técnico no Núcleo e não tem data estipulada para terminar. Após a conclusão do trabalho de tratamento, os documentos serão arquivados para posteriormente ser organizado como “fundo Austregésilo de Athayde”.

A data para a organização do arranjo e descrição dependerá dos outros arquivos que se encontram em fila e provavelmente a “coleção Austregésilo de Athayde” será trabalhada em conjunto com o “fundo Austregésilo de Athayde”. Vale ressaltar que mesmo estando dividido em dois conjuntos, ambos podem ter documentos da esfera pessoal. Pois os arquivos pessoais são definidos, segundo Bellotto (2004, p. 256) como: “papéis ligados à vida familiar, civil, profissional e à produção política e/ou intelectual, científica, artística de estadistas, políticos, artistas, literatos, cientistas, etc.”

Também podemos afirmar que embora os dois conjuntos documentais tenham sido guardados em lugares e diferentes, serão tratados seguindo os princípios arquivísticos, respeitando a proveniência do fundo e da coleção e a ordem em que foram arquivados pela

instituição e pelo titular e sua esposa, para não haver dispersão do fundo e também evitar descontextualizar sua produção.

No momento de elaboração do arranjo, a opção “mais fácil” poderia ser juntar esses dois conjuntos em um só e proceder com a organização. Porém por se tratar de um mesmo produtor e por saber que esses documentos possuem uma história de acumulação distinta, optou-se por tratá-los de forma única respeitando os princípios teóricos da área e com isso oferecendo ao usuário a estabilidade do arquivo e diversas possibilidades de pesquisa.

4 OS PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS FRENTE AOS ARQUIVOS PESSOAIS: DESAFIOS DE APLICAÇÃO

A aquisição de um conjunto de documentos pessoais por uma instituição é um tema de grande relevância para se discutir. Levantar questões sobre as fases dessa organização se justifica, pois, organizar documentos de arquivo implica um profundo estudo para a identificação do produtor e o cumprimento de princípios arquivísticos, como o da proveniência, da ordem original e do respeito aos fundos.

O entendimento desses princípios norteará este capítulo que visa problematizar a opção metodológica de organização do fundo e coleção de Austregésilo de Athayde, custodiados pela Academia Brasileira de Letras (ABL).

4.1 Arquivos pessoais e suas particularidades

As autoras Silvana Goulart e Ana Maria de Almeida Camargo reafirmam a necessidade de se buscar nos arquivos pessoais a observância do respeito aos princípios basilares da arquivística. Principalmente, em virtude de existir uma ideia associada a esses acervos de que cada caso é um caso, essa premissa equivocada na opinião das autoras torna a fundamentação teórica extremamente desafiadora na sua aplicabilidade direta a tantos universos particulares. (CAMARGO; GOULART, 2007, p.23).

Vale ressaltar que segundo o arquivista Terry Eastwood (2013) a teoria¹¹ tem especial importância no contexto dos arquivos. Para o autor, a conceituação teórica é fundamental, em todas as ciências, principalmente para as aplicadas. (EASTWOOD, 2013, p. 24).

Será por meio do trabalho arquivístico de sistematização e organização do arquivo, de forma a buscar representar o produtor nas suas mais variadas atividades, bem como respeitar as narrativas existentes no contexto dos arquivos, que o pesquisador poderá ter seu trabalho concretizado, sem perder de vista os nexos, as lacunas e o contexto presente entre os documentos e o produtor do arquivo.

Segundo Terry Cook (1998), os princípios arquivísticos foram derivações feitas quase que exclusivamente por autores que trabalharam como custodiadores de arquivos institucionais de governos, tradicionalmente criados pelo Estado e essas teorias e metodologias são muito antigas, influenciadas pelo Manual dos Holandeses, criado no século XIX. Ele afirma que com exceção de Theodore Schellenberg, outros autores como Sir Hilary Jenkinson e Eugenio Casanova ignoravam os arquivos pessoais.

¹¹ Considera-se teoria arquivística como o corpo de “conhecimento sobre a natureza dos arquivos a fim de definir uma estrutura intelectual para seus métodos e práticas”.

Cook também se apropria do estudo realizado pelo professor de arquivística italiano, Oddo Bucci, que desenvolveu um profundo estudo sobre esses autores, onde afirma que:

Todos esses pioneiros da arquivística refletiram em seus trabalhos as correntes intelectuais do século XIX e do início do século XX, e, por isso, Bucci diz que eles “deram à disciplina (arquivística) sua abordagem empírica, construíram-na como uma ciência descritiva e a ela aplicaram o imperativo da historiografia positivista, que visava à acumulação de fatos em vez da elaboração de conceitos...”. (COOK, 1998, p. 133).

Embora os princípios tenham sido durante muito tempo a base dos arquivos institucionais, hoje eles também formam bases para o tratamento dos arquivos pessoais. Pois os arquivos pessoais já ganharam notoriedade entre muitos estudiosos e pesquisadores para diversos tipos de pesquisas.

Vale ressaltar que sobre a ótica “jenksoniana”, o papel do arquivista é puramente custodial, onde a objetividade, neutralidade e invisibilidade seriam a base do trabalho desse profissional. Em seu estudo, Jenkson posiciona o arquivista como um mero guardião dos documentos produzidos e selecionados pelo produtor, apenas preservando os registros como um resíduo de um processo administrativo, o que não podemos afirmar nos dias atuais.

Nesse estudo, pretendemos reafirmar que o arquivista é o primeiro pesquisador do arquivo pessoal, é ele quem estuda o produtor para a organização dos documentos e deverá estar atento as suas particularidades, porém embora cada arquivo tenha sua história de produção, não pode esquecer que: “os arquivos de pessoas devem ser tratados como arquivos, isto é, devem ficar ancorados ao contexto em que foram produzidos. Quando se subverte essa relação [...] substituindo as ações que justificaram sua produção, os documentos perdem o efeito de representatividade que os singulariza” (CAMARGO, 2009, p. 36).

4.2 Contexto e organização: discussões necessárias

Segundo, Terry Cook (1998), durante anos, em muitos países existia uma divisão incômoda, ou mesmo uma tensão, entre o público e o pessoal, o oficial e o individual. Em seu estudo, Cook afirma que existe um certo incômodo entre os profissionais arquivistas no que tange o recolhimento e tratamento dos documentos privados em boa parte da Europa, Estados Unidos e Austrália. Porém, no Canadá o conceito de “arquivos totais” desmistificou essa questão, pois “tais papéis pessoais são ativamente e agressivamente procurados pelos arquivistas, além dos documentos ou arquivos oficiais” (COOK, 1998, p. 131).

Segundo o autor, no Canadá, os documentos arquivísticos são entendidos como artefatos de registro derivados de uma atividade, seja ela organizacional/oficial ou individual/pessoal, que ambos surgem dentro de um contexto, como parte de alguma atividade ou necessidade,

onde: “os arquivistas tanto nos arquivos públicos quanto nos privados, frequentemente usam procedimentos técnicos e métodos práticos semelhantes, em termos de como acessam, descrevem, armazenam fisicamente e conservam os arquivos e os colocam à disposição para fins de pesquisa.” (COOK, 1998, p. 131).

Vale ressaltar que segundo Catherine Hobbs:

Parece haver um consenso sobre a natureza arquivística do arquivo pessoal, embora existam duas abordagens amplas: a primeira é de responsabilidade de teóricos que concordam que as práticas de procedimento técnico aplicadas a arquivos de instituições podem ser integralmente aplicadas aos arquivos pessoais; a segunda é postulada por aqueles que ainda vislumbram espaço para novas explorações e consequente afastamento de tais métodos. (HOBBS, 2016, p. 314).

Nesse sentido, podemos inferir que os procedimentos técnicos utilizados para o tratamento dos arquivos das instituições, podem em circunstâncias específicas, serem empregados também nos arquivos pessoais, pois estes enquanto documentos possuem em sua gênese, atributos e qualidades de documentos arquivísticos e por isso podem e devem ser organizados seguindo os mesmos princípios norteadores da área.

José Francisco Guelfi Campos (2014), em sua dissertação de Mestrado, defende que “cabe ao arquivista a árdua missão de estabelecer o elo entre os documentos e seus contextos originários, com o objetivo de promover, de maneira ampla e aberta, a consulta aos arquivos e uso efetivo dos documentos, segundo as mais variadas indagações dos pesquisadores”. (CAMPOS, 2017, p.164).

Para a Arquivologia, os documentos não podem ser lidos sem a compreensão do contexto de produção e organização. Nesse sentido, deve-se assegurar que a ligação entre produtor e conteúdo seja preservada de acordo com seu contexto de produção, pois desfeita a relação poderá prejudicar seu efeito probatório, uma vez que:

(...) uma estratégia de abordagem comprometida com a teoria arquivística deve tomar por base, obrigatoriamente, o contexto originário dos documentos, representado tanto pelas atividades rotineiras quanto pelos eventos vivenciados pelo titular, configurando o nexo que interliga os diferentes itens do fundo. Para tanto faz-se imperativa não apenas a adoção do método funcional, como também profundo exercício de pesquisa, por parte dos arquivistas, sobre a trajetória da entidade produtora do arquivo, o que resulta, em paralelo, na produção de uma biografia, esquematizada na forma de minuciosa cronologia em que se dispõem, no tempo e no espaço, os elementos que dão sentido aos documentos e garantem sua coesão quando considerados em conjunto. (CAMARGO; GOULART, 2007 *apud* CAMPOS, 2017, p.37).

Uma das características dos arquivos pessoais é o seu valor informacional, onde o pesquisador “mergulha” nessas fontes de valor informativo para sua pesquisa, utilizando-os

também para fins históricos. O arquivista deve organizar o acervo sem inferir nas múltiplas possibilidades de pesquisas e nesse sentido, entende-se que será por meio da observância aos princípios teóricos da área no momento da organização que se evitará a ambiguidade nesses arquivos.

Para Heymann (2009, p.42) a falta de investimento teórico sobre esses acervos, durante muito tempo, esteve relacionada a percepção de que os documentos de órgãos públicos são mais importantes, tendo em vista o seu caráter funcional de prova das atividades das instituições e as funções de informação para a sociedade. Por outro lado, os acervos pessoais ou privados, por muito tempo, seguiram à margem da compreensão da área sobre o fenômeno arquivístico.

Esse quadro vem mudando e hoje o número de estudos feitos a partir dos documentos pessoais para contextualizações e prova de acontecimentos é o reconhecimento de que esses conjuntos documentais são relevantes e devem ser preservados não só para a pesquisa, mas também como testemunho de indivíduos na sociedade. Assim, “seja como for, a caracterização dos arquivos pessoais ressalta a dimensão ‘profissional’ da vida de seus titulares, ou seja, as atividades que desempenham na cena pública” (HEYMANN, 2009, p. 44).

A autora também afirma não ser tarefa fácil a identificação de documentos pessoais devido à variação da tipologia documental. Sendo assim, tanto os documentos institucionais quanto os pessoais devem ter sua ordem original e integridade mantida, e, seu contexto de criação e a organicidade são bases capazes de identificar os caminhos percorridos e a ligação com outros documentos. Esses são alguns dos princípios e práticas que por muitos anos foram voltados para a identificação institucional e que agora servem como bases também para os pessoais.

Sendo assim, destaca-se que o processo de pesquisa sobre o produtor e suas particularidades caracteriza-se como um exercício primordial, onde se realiza um trabalho investigativo de cunho intelectual. Para isso o arquivista também deve utilizar outras fontes, assim como o arcabouço teórico de diversas áreas científicas como, por exemplo, a história para contextualizar e entender a produção documental do titular e as informações contidas nesses documentos sejam eles institucionais ou pessoais.

4.3 Princípios e bases para a organização de arquivos pessoais: o Arquivo Austregésilo de Athayde

Conforme já comentado, em 2016 a ABL recebeu um conjunto de documentos pessoais de Austregésilo de Athayde, a partir disso surge a questão norteadora de nossa pesquisa: Como será feita a organização do Arquivo Austregésilo de Athayde em sua totalidade, uma vez que

na instituição já existia um conjunto de documentos denominado Coleção Austregésilo de Athayde? Os documentos serão organizados e incorporados formando um só fundo?

Essa questão surge a partir da análise da própria constituição do acervo. Em uma listagem preliminar existente para a coleção de documentos que já se encontrava na ABL, referente a Athayde enquanto membro da Academia, destaca-se a existência de uma cópia da certidão de óbito do mesmo, ou seja, um documento tipicamente caracterizado como pessoal. Esta mesma listagem conta inclusive com outros documentos que ultrapassam a esfera institucional, ou seja, a atividade de acadêmico. Essa realidade também é observada em rápida análise ao conjunto de documentos recém rechegados na ABL após doação dos familiares do titular, onde destaca-se um grande número de papéis oficiais da ABL. Nesse sentido, percebe-se que quando falamos de arquivos pessoais as fronteiras entre pessoal e institucional são muito fluídas.

Vale lembrar que o Athayde esteve envolvido por mais de três décadas nas atividades da instituição, nesse sentido, no conjunto documental doado por seus familiares, é possível encontrar documentos institucionais referentes às suas atividades desenvolvidas na ABL. Nesse sentido, a organização do acervo, torna-se algo problemático para a instituição, uma vez que, formam-se dois conjuntos documentais, para um mesmo produtor. Sendo inclusive possível encontrar documentos iguais nos dois acervos.

Destaca-se a opção metodológica da instituição, de não misturar os conjuntos documentais, entendendo cada documento como único em seu contexto. Nesse sentido, a organização será feita baseada nos princípios arquivísticos para que não se percam os vínculos e a lógica de organização feita pelo produtor, pois segundo Heymann “a produção e a acumulação de documentos do cidadão investido na função pública adquirem, assim, caráter de rotina, aproximando-se mais da sistemática das instituições do que da dinâmica dos gestos pessoais de arquivamento” (HEYMANN, 2009, p. 48).

De forma a entender os métodos arquivísticos utilizados na organização dos documentos referentes a Austregésilo de Athayde pela equipe da ABL, entrevistamos a arquivista, Maria Oliveira, atualmente chefe do Arquivo Múcio Leão, setor responsável pela guarda dos acervos institucionais e pessoais de seus membros. A pergunta base que guiou o desenvolvimento do trabalho, pautava-se no questionamento se não seria mais fácil unir os dois conjuntos de documentos, fundo e coleção, e dar início a sua organização, uma vez, que ambos dizem respeito a mesma pessoa.

Segundo nos explicou a arquivista, de acordo com os princípios arquivísticos e também com a metodologia adotada na instituição, a decisão é de não misturar o fundo que chegou com

a coleção que já estava no Arquivo da ABL, mesmo que se descubram documentos pessoais na coleção ou documentos institucionais no fundo, ela afirma que a decisão de manter os documentos como foram arquivados é para evitar uma ação que poderia prejudicar o contexto de produção de quando esses documentos foram produzidos e o princípio de não misturar documentos de duas proveniências: ABL e Austregésilo de Athayde.

Sobre a ótica desse princípio podemos nos utilizar da pesquisa de Camargo (2009) que aponta a problemática que recai sobre as instituições que tendem a concentrar seus interesses de acordo com o prestígio do titular para preservar seus documentos, com base em Pierre Bourdieu, afirma ser de acordo com a “nobreza cultural” que a entidade seleciona o que acredita ser mais ‘importante’ para preservar, como por exemplo, rascunhos e esboços originais. Para a autora, os documentos ‘rejeitados’ são parcelas do conjunto capazes de auxiliar na representação da trajetória do produtor de modo mais completo.

A integridade do fundo fica, em geral, bastante comprometida depois de determinadas práticas seletivas no âmbito dos arquivos pessoais. Admitida como rotineira nos arquivos públicos, a avaliação começa hoje a ser encarada como estratégia racional, que, a par do descarte de documentos redundantes, procura garantir a permanência de um núcleo representativo da entidade produtora, capaz inclusive de espelhar a própria dinâmica da acumulação ao longo do tempo, em tempos proporcionais. Mas os arquivos pessoais estão bem longe desses procedimentos e da justificativa maior que os anima, a saber, a manutenção da qualidade probatória dos documentos em relação às atividades de que se originaram. (CAMARGO, 2009, p. 30).

Além disso, alguns fundos de arquivo pessoal estão marcados por problemas de integridade que se referem às situações de descartes de materiais bibliográficos e recortes de jornais, quando se entende que não são relevantes para constituir o conjunto documental a se preservar. Essa ação pode comprometer o caráter probatório e a relação entre os documentos que originaram o arquivo. Para alguns estudiosos “os mais preciosos são os documentos que não tem nenhuma equivalente institucional, que não tem cópias em lugar algum, que informam sobre o que é exclusivamente privado” (ZINK *apud* CAMARGO, 2009, p. 30).

Quando os arquivos são volumosos ou quando a instituição de custódia se ocupa de inúmeros fundos, os agrupamentos prevalecem como solução para a organização e recuperação dos documentos. Mas isso não significa rendição à lógica arquivística, que vê as séries documentais como expressão das atividades de pessoas e organismos e nelas reconhece o estreito elo entre produtor e produtos [...] o recurso a unidades coletivas e comuns de arranjo e descrição – o modelo prêt-à-porter supostamente capaz de servir a todos os fundos – atenderia apenas a conveniência de ordem prática. (CAMARGO, 2009, p. 31).

Diante dessa afirmação, a autora nos conduz a razão de que se o arranjo e a descrição forem um modelo de tratamento rígido comprometerá a organicidade e negará o caráter probatório dos documentos de arquivo entendidos como únicos. Compreender o significado de cada arquivo depende do contexto em que foi criado/gerado no decorrer de suas atividades de seu produtor e essa ideia é valorizada na Arquivologia para o entendimento de documentos de arquivo. Por isso, a relação entre o contexto e o documento formam a base da área arquivística e seu caráter científico.

Ainda podemos destacar que os arquivos pessoais são reconhecidos como meios de acesso seguro ao passado e funcionam como prova das trajetórias individuais. Conforme destaca Oliveira:

Os documentos produzidos no âmbito da vida privada permitem uma análise multifacetária do produtor do arquivo e uma compreensão diversificada da própria sociedade. É interessante ressaltar que nos casos de produtores de arquivos que desempenharam papéis públicos na sociedade, a organização e divulgação de seus documentos possibilitam inclusive uma análise comparativa entre as possíveis narrativas sobre os eventos históricos e sobre a vida em sociedade. (OLIVEIRA, 2012, p.21).

Tão importante quanto manter a integridade dos documentos e o estudo do contexto em que foram produzidos, os princípios arquivísticos também são basilares para o trabalho de organização dos arquivos pessoais. Podemos afirmar que o princípio do respeito aos fundos onde não se pode misturar fundos de autores diferentes é um dos mais solidificados e compreendidos no meio arquivístico.

Os documentos deixados por Austregésilo de Athayde, foram deixados por muitos anos em mãos de familiares que embora não possamos afirmar que existiu uma seleção, também não podemos garantir que não, e sobre essa dúvida paira o princípio da ordem original que infelizmente não vamos discutir neste trabalho por ser um tema que precisaria de mais tempo e estudo.

Por isso, conforme já comentamos, o trabalho de pesquisa é a primeira decisão quando se pensa em organização de documentos pessoais, é essa investigação que será utilizada para entender, descrever e organizar o acervo, mais do que utilizar técnicas, essa pesquisa feita pelo arquivista visa o entendimento a relação entre esses documentos e sua representação dentro do contexto em que foram produzidos pois, segundo Oliveira (2012) “Os documentos são produzidos no decorrer das atividades e no escopo das funções sociais do titular, e cada um possui uma função própria no arquivo como um todo e em cada arquivo individualmente”. (OLIVEIRA, p. 34).

O reconhecimento de que o estudo do contexto da produção desses documentos será o norteador para a organização do fundo e da coleção de Austregésilo de Athayde são afirmativas capazes de assegurar o entendimento da acumulação dos mesmos pois, segundo Oliveira (2012, p. 45):

É sempre com base no trabalho de pesquisa do contexto arquivístico que será possível fundamentar as decisões metodológicas quanto ao arranjo e sua estrutura interna; ao programa descritivo a ser adotado; às políticas de acesso e de reprodução; à política de preservação; e, inclusive, assegurar a autenticidade dos documentos de arquivo.

Assim, podemos afirmar que o trabalho de organização de um conjunto de documentos pessoais requer muita responsabilidade, profissionalismo e ética. É um trabalho importante para a preservação da história e da memória de indivíduos, deve estar pautado em princípios e tratamentos profissionais, devem ser mantidos da melhor forma, de acordo com sua produção e guarda, pensando que poderão servir também como provas e como fontes inesgotáveis de pesquisa sobre diferentes aspectos.

O que nos leva a concluir que o trabalho de organização do Arquivo Austregésilo de Athayde, fundo e coleção, serão estudados, mas mantidos em separado, seguindo assim o princípio de respeito aos fundos e o da proveniência. Depois de concluído o trabalho de higienização e seguindo a ordem em que se encontram os documentos de outros membros que estejam à frente desse acervo os dois acervos serão organizados. Será iniciado o trabalho de identificação e a descrição dos documentos, pois segundo a equipe do Arquivo da ABL, o arranjo só é feito após a descrição dos documentos e a compreensão da lógica de acumulação dos titulares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo contribuir para a discussão do processo de organização de arquivos pessoais, buscando identificar os aspectos teóricos e metodológicos a serem considerados durante esse processo, bem como analisar os procedimentos técnicos utilizados pela equipe de arquivistas do Arquivo Múcio Leão, da Academia Brasileira de Letras (ABL).

O trabalho dos arquivistas da ABL na preservação e organização dos documentos pessoais do Acadêmico Austregésilo de Athayde, são de grande importância, pois os arquivos de indivíduos são fontes capazes de permitir a reconstrução de fatos e acontecimentos, e, as informações neles contidas, também evidenciam e auxiliam a construção de conhecimento sobre o passado.

Conforme constatamos em textos de autores da área, a organização de documentos pessoais é um desafio, por essa razão estudar o contexto de produção desses conjuntos de documentos auxilia o entendimento da lógica de acumulação dos mesmos. Segundo Maria Oliveira, atualmente chefe do Arquivo da ABL, essa prática também é utilizada para a organização dos arquivos pessoais dos membros desta instituição.

Ainda segundo Maria Oliveira, os documentos pessoais doados pela família em 2016 não serão incorporados aos documentos que já se encontram no Arquivo da ABL e o início de seu estudo só acontecerá após a higienização e possíveis restaurações feitas pela equipe do Núcleo de Conservação e Restauração.

Sendo assim, podemos entender que o arquivo pessoal, denominado *fundo Austregésilo de Athayde*, será organizado e mantido na ordem em que foi arquivado pelo titular e sua esposa na sua residência. Os documentos que estão na *coleção Austregésilo de Athayde* serão organizados e mantidos separados do fundo. Esse procedimento está embasado nos princípios basilares da Arquivologia.

Quanto a questão de se encontrar documentos institucionais no arquivo pessoal e vice-versa, estes serão mantidos como foram arquivados pelo titular e pela instituição e serão feitas remissivas em ambos os arquivos.

A decisão de manter os dois acervos de documentos separados está amparada em um dos princípios basilares da Arquivologia, o princípio do respeito aos fundos, que orienta não se misturar dois fundos de proveniências diferentes, nesse sentido, a coleção que em sua maioria contém documentos institucionais será mantida em sua totalidade, desde sua origem quando Austregésilo de Athayde entrou para a ABL e o fundo manterá sua ordenação feita pelo titular em sua residência.

Esse procedimento é feito em todos os arquivos que estavam na instituição antes da implantação da metodologia de organização em 1997. Atualmente, quando um novo membro entra para a ABL e envia para o Arquivo Múcio Leão algum documento institucional, esse não será arquivado em seu arquivo pessoal, será arquivado no fundo Arquivo Institucional e na série a que pertencer, como explicamos no caso do arquivo do Acadêmico Marcos Vinicius Vilaça, explicitado na página 30.

Austregésilo de Athayde deixou um legado na Academia Brasileira de Letras, empresa que tão bem presidiu. Seus arquivos pessoais são uma importante fonte de pesquisa não só para a memória da instituição, mas também para outras pesquisas. Um visionário a frente de seu tempo, como ficou conhecido, deixou vários registros de sua atuação na história dessa casa e de outros momentos históricos como, por exemplo, a organização do que originou a Declaração dos Direitos Humanos e várias cartas trocadas entre ele e sua esposa, que registram a época de seu exílio por participar como repórter correspondente na Revolução Constitucionalista.

Este trabalho contribuiu para minha formação acadêmica e para minha percepção social no estudo sobre os arquivos pessoais desse produtor, foi uma experiência instigante que despertou o interesse desta acadêmica em explorar o tema futuramente, quem sabe?

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Academia Brasileira de Letras: 100 anos**. São Paulo: BEI Comunicação, 1997.

_____. **Biografia de Austregésilo de Athayde**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/austregesilo-de-athayde/biografia>>. Acesso em 25 set. 2017.

_____. **Livros de atas das sessões da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: ABL, 1896 – 2008. (Manuscrito e datilografado).

_____. **Arquivo dos Acadêmicos: Guia geral** / coordenação de Sérgio Conde de Albite Silva. Rio de Janeiro: ABL, 2003. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/guia_geral_arquivos_academicos.pdf>. Acesso em 30 ago. 2017

_____. **Estatuto e regimento interno**. Rio de Janeiro: ABL, 2004.

_____. As casas da Casa. In: **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro: ABL, 2014. p. 179 – 191. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-81.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

_____. **Discurso de posse de Machado de Assis na Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/discurso-de-posse>>. Acesso em 22 ago. 2017.

_____. **Revista Brasileira**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

_____. **Coleção Anais da ABL**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/publicacoes/anais-da-abl>>. Acesso em: 1 set. 2017.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos privados: conceituação e caracterização. In: _____. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 249-260.

BRANDÃO, Isabelle da Rocha. **A questão da intencionalidade dos arquivos pessoais**. Rio de Janeiro: 2008. Monografia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2008.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

_____. Arquivos Pessoais são Arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, n.2, , jul-dez. 2009. p. 26-39

CAMPOS, José Francisco Guelfi. **Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo Pós-moderno. In: **Estudos históricos: arquivos pessoais**. Rio de Janeiro: FGV, vol. 11, n. 21. 1998. p. 129-149.

C. K. Arquivos Literários. **Jornal A Noite**. Rio de Janeiro. Data: 04 jan. 1945. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=348970_04&PagFis=31425&Pesq=Arquivos%20Liter%C3%A1rios>. Acesso em 5 set. 2017.

EASTWOOD, Terry. O que é teoria arquivística e porque ela é importante? In: **Arquivo & administração**. Rio de Janeiro: AAB, vol. 12, n.2, jul-dez. 1998. p. 15-27.

HEYMANN, Luciana Quillet. O indivíduo fora do lugar. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, n.2, jul-dez. 2009. p. 40-57.

HOBBS, Catherine. Vislumbrando o pessoal: reconstruindo traços de vida individual. In: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather (orgs.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. p.303-341.

LACERDA, Rodrigo. **110 anos da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: ABL, 2007.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso. **Modelagem e status científico da descrição arquivística no campo dos arquivos pessoais**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14062011-134720/pt-br.php>>. Acesso em 8 nov. 2017.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso. **Descrição e pesquisa:** reflexões em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

SANDRONI, Laura. **Austregésilo de Athayde: cadeira 8, ocupante 3.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2011. 68p. (Coleção Série Essencial, 029).

SANDRONI, Cícero. **Austregésilo de Athayde: o século de um liberal.** Rio de Janeiro: Agir, 1998.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. **Projeto para a organização do Arquivo da Academia Brasileira de Letras.** Rio de Janeiro, 1997.

ANEXOS

ANEXO I

ENTREVISTA COM MARIA OLIVEIRA

FICHA TÉCNICA

Tipo de entrevista: temática

Projeto: Pesquisa para a Monografia de Cátia Soares “A organização dos arquivos pessoais na Academia Brasileira De Letras: o arquivo de Austregésilo de Athayde”

Local: Academia Brasileira de Letras

Entrevistadora: Cátia Soares [C]

Entrevistada: Maria Oliveira – Arquivista – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO; Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais – Fundação Getúlio Vargas/FGV. Atualmente chefe do Arquivo Múcio Leão da Academia Brasileira de Letras.

Data: 1 nov. 2017

Duração: 11:00

Gravação feita no celular

ENTREVISTA

C – Maria, obrigada por aceitar me ajudar em minha pesquisa.

De nada.

C – Preciso de informações sobre o Arquivo Austregésilo de Athayde.

Se eu puder ajudar, pode contar comigo.

C - Quando foram doados os documentos de Athayde?

Em novembro de 2016, precisamente, no dia 18 de novembro. Além do arquivo pessoal, foram doados também a biblioteca particular e peças museológicas.

C - A ABL já possuía um conjunto de documentos denominados coleção, fale um pouco sobre essa coleção.

Com o objetivo de preservar e divulgar a história da instituição e de seus membros, a ABL acumulou documentos deles e sobre eles. Na maioria dos casos, esses conjuntos documentais não atendem aos requisitos que definem um fundo arquivístico, como por exemplo, organicidade e unicidade. Dessa forma, esses conjuntos, de acordo com a metodologia

de organização arquivística aplicada a partir do ano de 1997, início do projeto de revitalização do Arquivo da ABL, foram definidos como Coleção de documentos. No caso do Arquivo Austregésilo de Athayde, essa coleção possui muitos documentos institucionais, pois o titular foi presidente da instituição por mais de 30 anos. A coleção possui diversos gêneros documentais, tais como fotografias, recortes de jornais, documentos manuscritos e impressos; entre outros. Até o ano de 1997, os documentos institucionais eram enviados ao Arquivo e tornavam-se parte dos arquivos dos acadêmicos.

C - Como estão organizados os documentos de Athayde?

Qual? A Coleção? Você pode acessar a lista que nós temos disponível no site da ABL, no entanto, como esse arquivo ainda não foi organizado e descrito, não podemos atestar se o arranjo exposto, corresponde aos documentos acondicionados na pasta.

C - Como será o tratamento desses dois conjuntos de documentos de um mesmo titular?

De acordo com a metodologia adotada no tratamento arquivístico dos arquivos dos acadêmicos, o Arquivo Austregésilo de Athayde será dividido em Fundo e Coleção. Onde, o fundo será a documentação proveniente da doação realizada em 2016 pela família, ou seja, os documentos produzidos e acumulados pelo titular em seu ambiente doméstico. E a Coleção, formada pelos documentos acumulados artificialmente pela ABL, com procedência interna.

C - Quando será feita a organização dos documentos pessoais?

Se você estiver falando do Fundo, ainda não há uma previsão de tratamento desses documentos, pois o Arquivo está seguindo um critério estabelecido em conjunto pela Direção Acadêmica do Arquivo e sua equipe. Esse critério estabelece uma ordem que se iniciou com os arquivos dos patronos, seguida pelos arquivos dos fundadores. Há um estudo de após a conclusão dos arquivos dos fundadores, inicie-se o tratamento dos arquivos dos presidentes da casa. Caso esse seja o critério adotado, no máximo em 2 anos, o trabalho será iniciado. A coleção não está organizada mas pode ser consultada.

C - A família assinou algum documento para a doação desses documentos pessoais?

Sim. O contrato de doação adotado pela ABL.

C - Quando será disponibilizado esses documentos para pesquisa?

A coleção está disponível.

C – Você quer acrescentar alguma outra informação?

Não, espero ter ajudado.

C – Obrigada!

De nada.

[Final da entrevista]

ANEXO II

ENTREVISTA COM LAURA SANDRONI

FICHA TÉCNICA

Tipo de entrevista: temática

Projeto: Pesquisa para a Monografia de Cátia Soares “O trabalho de organização de documentos institucionais e pessoais no Arquivo da Academia Brasileira de Letras: a doação dos documentos pessoais de Austregésilo de Athayde.

Local: Academia Brasileira de Letras

Entrevistadora: Cátia Soares [C]

Entrevistada: Laura Sandroni – Escritora (filha do Acadêmico Austregésilo de Athayde).

Data: 3 out. 2017

Duração: 07:30

Gravação feita no celular

ENTREVISTA

C – Dona Laura, boa tarde, obrigada por aceitar conversar comigo. Estou cursando Arquivologia na UNIRIO e como já trabalho em uma instituição que possui arquivos, estou desenvolvendo minha monografia sobre o Arquivo do Acadêmico Austregésilo de Athayde. Gostaria de fazer algumas perguntas sobre os documentos pessoais que a família doou.

Entendo, pois não.

C - Por que vocês resolveram doar o arquivo pessoal?

Muito melhor ficar guardado aqui do que na casa de algum dos três filhos, seria complicado guardar com mais alguém.

C - Todo o material foi doado ou existem documentos com outros familiares?

Não sei, acho que só tinham esses que estavam na casa dele, foram deixados lá até a doação para a ABL.

C - Li o livro que a senhora e o Acadêmico Cícero Sandroni produziram, e vocês escreveram que todos os documentos foram guardados por D. Jujuca, depois da morte do titular, alguém mais participou dessa guarda?

Ele próprio, eu acho, não me lembro dele pedir a ninguém para ajudar.

C - E a senhora também não participou dessa guarda?

Não.

C - Algum documento foi enviado para alguma outra pessoa, família ou instituição?

Não. Todo o material veio para cá.

C - Entre esses documentos pessoais, existe algum documento que pertença à ABL durante sua presidência?

Não sei dizer. Eu quase nunca mexi nesses documentos, quase não sei o que tem. Só lembro que quando o livro ficou pronto era muito grosso e pesado, rsrs

C - Alguém além de vocês dois, pesquisou esses documentos?

Não.

C - Tem algum documento digital?

Alguns filmes e negativos.

C - Não existia nenhuma lógica de arquivamento?

Não.

C - Todas as fotografias foram doadas?

Não tenho muita certeza, acho que só o Cícero saberia dizer com certeza.

C - Dona Laura, muito obrigada pela colaboração?

De nada.

[Final da entrevista]